

LEIBNIZ E SUA CONCEPÇÃO DO MELHOR DOS MUNDOS*

Rogério VAGNA**

RESUMO

Trata-se, neste artigo, de examinar em que consiste o otimismo leibniziano, que garante ter Deus escolhido este como o melhor dos mundos, entre todos os possíveis que se apresentaram a Ele. Concebendo haver um número infinito de substâncias simples, das quais são formados os compostos, Leibniz defende estarem elas unidas numa harmonia já preestabelecida pelo Criador. Utilizando-se de leis simples e universais para criar, Deus conseguiria atingir a maior diversidade de fenômenos, e, portanto, a máxima perfeição no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: mônada; multiplicidade na unidade; harmonia preestabelecida; otimismo.

Para que possamos entender o otimismo leibniziano, que garante ser este o “melhor dos mundos possíveis”, é preciso, antes de mais nada, compreender como se configura esta harmonia preestabelecida, da qual, segundo Leibniz, Deus teria dotado o mundo no momento da criação. A harmonia preestabelecida que se expressa nas várias percepções e na mútua dependência das mônadas seria alcançada porque Deus teria como critério objetivo de perfeição a íntima relação existente entre a diversidade e a simplicidade, isto é, entre o múltiplo e o uno. Convém, no entanto, verificar o que Leibniz entende por mônada, visto ser entre elas que se estabelece tal harmonia.

Caracterizando as mônadas como substâncias unas e indivisíveis é que Leibniz começa sua *Monadologia*. Como substâncias simples, ou seja, sem partes, as mônadas não podem apresentar extensão nem figura possíveis, sendo consideradas como os “verdadeiros Átomos da Natureza, e, em uma palavra, os Elementos das coisas”, tornando-se os compostos nada mais do que um agregado de mônadas.

Não sendo as mônadas substâncias materiais, elas devem ser entendidas como uma “força” em constante atividade. Ingêntas e imperecíveis; criadas por Deus, só se extinguem por aniquilamento, por não participarem do processo de geração e corrupção a que estão

** Graduando do curso de Filosofia, 3º ano da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – CEP 17525-900– Marília, São Paulo – Brasil, e-mail: rvagna@yahoo.com.br e membro do grupo de pesquisa “Em torno do iluminismo”, com orientação do Dr. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (e-mail: bira@marilia.unesp.br).

sujeitos todos os compostos naturais, os quais acabam em partes. Também nenhuma de suas mudanças internas pode ser excitada, aumentada ou diminuída por outras criaturas, já que “as Mônadas não têm janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair”(LEIBNIZ, 1983a, p.105). Não recebendo as mônadas influência externa, faz-se necessário que haja um princípio de mudança interno, que comporte a “multiplicidade na unidade”(LEIBNIZ, 1983a, p.106), garantindo a pluralidade de afecções que elas devem ter.

Cada estado passado representado por essa multiplicidade na unidade denomina-se *percepção*. As percepções de cada uma das mônadas se acomodam perfeitamente às das outras, de modo que

toda substância é como um mundo completo e como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo, expresso por cada uma à sua maneira, pouco mais ou menos como uma mesma cidade é representada diversamente conforme as diferentes situações daquele que a olha (LEIBNIZ, 1983b, p.125).

Essa pluralidade de percepções que as mônadas compreendem na sua unidade pode ser pensada analogamente com a atividade da nossa mente. Apesar de a mente ser una, seu conteúdo é múltiplo e modifica-se a cada novo pensamento. *Apetição* chama-se à tendência que cada mônada possui internamente de mudar suas percepções, chegando sempre a um estado novo de representação.

Dessa forma, temos assinalada a existência de uma hierarquia de mônadas e, segundo Leibniz, não perceber isso foi o erro dos cartesianos. Se as mônadas representam o universo sob seus respectivos pontos de vista, e distinguem-se umas das outras pelas qualidades que lhes foram atribuídas por Deus no momento de sua criação, haja vista não ser possível encontrar-se na natureza dois seres exatamente idênticos, essa classificação se dá pelo grau de perfeição de suas percepções, sendo tão-só representações ora mais claras, ora mais confusas de um mesmo todo. Daí Leibniz designar *mônadas* ou *enteléquias* as substâncias simples, detentoras apenas de percepção, e denominar *almas irracionais* todas aquelas que possuem uma percepção mais clara e acompanhada de memória, a qual proporciona às almas uma certa consecução que imita a razão. Eis o que possibilita aos cachorros, por exemplo, lembrar-se de uma dor sentida em percepção anterior, somente pelo fato de verem o pau que lhes proporcionou tal aflição. Já os homens possuiriam o que se chama de *Alma racional* ou *Espírito*, pois são capazes de conhecer as verdades eternas, chegando à ciência de si mesmos. Assim, afirma Leibniz, “pensando em nós, pensamos no

Ser, na Substância, no simples e no composto, no imaterial e até mesmo em Deus, concebendo como sem limites nele aquilo que em nós é limitado”(LEIBNIZ, 1983a, p.108). Esta última possui não somente simples percepções, mas *apercepções*, que seriam percepções dotadas de consciência.

No “Prefácio” dos *Novos Ensaios*, nosso autor se utiliza do exemplo do bramido do mar, ouvido quando estamos na praia, para mostrar possuímos pequenas percepções desprovidas de consciência, que somos incapazes de distinguir no conjunto de todas.

Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõem este todo, isto é, os ruídos de cada onda, embora cada um desses pequenos ruídos só se faça ouvir no conjunto de todos os outros conjugados, isto é, no próprio bramir, que não se ouviria se esta onda que o produz estivesse sozinha (LEIBNIZ, 1988b, p.08).

Concebendo haver um número infinito de mônadas, “fontes de suas ações internas e, por assim dizer, Autômatos incorpóreos”(LEIBNIZ, 1983a, p.106), Leibniz elimina a dualidade entre *res cogitans* e *res extensa*. As mônadas representam tanto substância quanto matéria. Todavia, é preciso explicar como elas, que não influenciam umas às outras, podem se relacionar.

Uma sincronia existente entre as mônadas, da mesma maneira como dois relógios que marquem sempre a mesma hora, pode ser concebida de três formas: 1) construindo-as de tal modo que exerçam influência uma sobre a outra; 2) encarregando seu Artífice de as ajustar continuamente; 3) construindo-as de maneira tão perfeita que atuem em sincronia desde sua criação.

Do que já foi dito, sabe-se que a primeira hipótese não pode ser aceita, pois uma mônada não pode exercer influência sobre a ação de outra. Quanto ao Artífice ajustar continuamente suas criaturas, parece contrário à sabedoria divina ter de reajustar sua obra de quando em quando; o mecanismo criado por Deus seria tão imperfeito quanto qualquer relógio produzido por um simples artesão. Com tanto não se nega que Deus mantém continuamente o conjunto de sua obra, mas apenas se diz que Ele não teria de intervir extraordinariamente no mundo. Embora até mesmo os milagres (entendidos pelas criaturas como ações extraordinárias) estejam em conformidade com a ordem geral. As leis naturais ou “máximas subalternas” devem ser entendidas como um “costume de Deus, do qual pode dispensar-se, por causa de uma razão mais forte do que a que o moveu a servir-se destas

máximas”(LEIBNIZ, 1983b, p.123). A terceira hipótese é garantida pela idéia de um movimento perfeito, assim “a mesma força e vigor subsiste sempre, passando somente de matéria em matéria, conforme as leis da natureza e a bela ordem preestabelecida”(LEIBNIZ, 1988a, p.235).

Na segunda carta de sua *Correspondência com Clarke* Leibniz mostra como entende a relação de Deus com as criaturas.

Não digo que o mundo corporal é uma máquina ou um relógio que anda sem a intervenção de Deus, e professo absolutamente que as criaturas têm necessidade de sua influência contínua; mas sustento que se trata de um relógio que anda sem ter necessidade de ser regulado, porque senão se deveria dizer que Deus volta atrás. Deus previu tudo e cuidou de tudo de antemão. Em suas obras há uma harmonia, uma beleza já preestabelecida (1988a, p.239).

Sendo assim, cada uma das mônadas atua como se não houvesse outra. Entretanto, as ações de todas fazem parecer que se influenciam mutuamente. Dito isso,

vêm-se as razões *a priori* para as coisas não poderem suceder de outro modo. Porque Deus, ao regular o todo, atendeu a cada parte e muito em especial a cada Mônada, cuja natureza representativa nada conseguiria limitar à representação de uma só parte das coisas, muito embora, na verdade, esta representação seja confusa apenas nos pormenores de todo o universo, e distinta apenas em pequena parte das coisas, isto é, ou nas mais próximas ou nas maiores, relativamente a cada uma das Mônadas; de outro modo cada Mônada seria uma Divindade (LEIBNIZ, 1983a, p.111).

Atentando-se para o que Leibniz chamou de Lei de continuidade, na qual afirma a natureza nunca dar saltos, que tudo “se passa sempre do pequeno ao grande, e vice-versa, através do médio, tanto nos graus como nas partes, e que jamais um movimento nasce imediatamente do repouso nem se reduz, a não ser por um motivo menor”(LEIBNIZ, 1988b, p.10), pode-se dizer que o presente não seria senão a continuação de um estado anterior, e que “também o presente está prenhe do futuro”(LEIBNIZ, 1983a, p.107).

Sobre as leis simples e universais

O melhor dos mundos possíveis é aquele que apresenta um maior intercâmbio eficiente entre os dois fatores determinantes da perfeição, isto é, entre o uno e o múltiplo. Resta-nos então compreender como se relacionam unidade e multiplicidade, ou seja, como

se consegue o mundo mais diverso estando ele submetido, pela necessidade, à simplicidade. Leibniz resolve tal problema dizendo:

No que se refere à simplicidade das vias de Deus, esta realiza-se propriamente em relação aos meios, como pelo contrário, a variedade, riqueza ou abundância se realizam relativamente aos fins ou efeitos. E ambas as coisas devem equilibrar-se, como os gastos destinados a uma construção com o tamanho e a beleza nela requeridos (LEIBNIZ, 1983b, p.122).

Ao criar o mundo Deus escolheu aquele que é o mais perfeito, ou seja, o que é ao mesmo tempo mais simples em suas leis e mais diverso em seus fenômenos. Há então, com a idéia de unidade na multiplicidade, uma identidade entre perfeição e harmonia, a ponto de tornarem-se uma só coisa. A harmonia é entendida como um consenso na pluralidade, é ainda uma ordem, uma regularidade. No *Discurso de Metafísica*, Leibniz diz não ser possível imaginar no mundo eventos que não evidenciam alguma uniformidade, por mais complexos que eles possam ser (1983b, p.123).

Leibniz acreditava que o melhor dos mundos deve apresentar uma maior diversidade e assim possuir o maior número possível de indivíduos. Daí ele não aceitar a existência do vácuo, pois no Universo “quanto mais matéria existir, mais Deus terá ocasião de exercer sua sabedoria e seu poder” (LEIBNIZ, 1988a, p.238).

O uno e o múltiplo estão reunidos em uma harmonia já preestabelecida, de modo que as ações de Deus estariam em conformidade com as leis mais gerais.

Assim, aquilo que é tido por extraordinário, o é apenas relativamente a alguma ordem particular estabelecida entre as criaturas, pois quanto à ordem universal tudo nela está conforme. É tão verdadeiro isto que, não só nada acontece no mundo que seja absolutamente irregular, mas nem sequer tal se poderia forjar, [visto que]... se alguém traçar, duma só vez, uma linha ora reta, ora circular, ora de qualquer outra natureza, é possível encontrar noção, regra ou equação comum a todos os pontos desta linha, mercê da qual essas mesmas mudanças devem acontecer. Não existe, por exemplo, rosto algum cujo contorno não faça parte duma linha geométrica e não possa desenhar-se dum só traço por certo movimento regulado (LEIBNIZ, 1983b, p.123).

Temos então que a lei da simplicidade é a mais eficaz, aquela capaz de produzir o máximo de bens, requerendo o mínimo de esforços; e isso, acredita Leibniz, arranjaria o melhor dos mundos possíveis. Dizer que leis mais simples são a condição para a multiplicidade das coisas existentes não garante serem poucas as leis que geram a diversidade, mas apenas que são as mais simples que o fazem. Não se nega que o melhor

mundo ainda possua uma infinidade de leis naturais. Considerar uma lei como a mais simples quer dizer também que ela se aproxima mais da perfeita universalidade, que está livre de exceções. Pois as exceções se dão quando duas leis se mostram conflitantes e uma restringe a outra; agora, se as exceções tornam as leis mais complexas, a maior simplicidade deverá exigir, então, leis singulares e universais. Leis que guardem exceções seriam imperfeitas e, portanto, contrárias à sabedoria divina. Daí o melhor dos mundos envolver um conjunto de princípios universais e perfeitos e não um sistema de leis conflitantes, na qual uma maior regularidade compensaria as falhas de uma menor. A universalidade é sinal de regularidade; uma multidão de leis universais é que será capaz de produzir uma enorme pluralidade de efeitos.

Há uma infinidade de mundos possíveis no entendimento divino e não se pode dizer que sua escolha tenha sido arbitrária ou apenas amparada por sua vontade. Deus possui a Potência, da qual tudo se origina, também o Conhecimento da particularidade das idéias e finalmente a Vontade, que age de acordo com o princípio do melhor. Se em Deus esses atributos não encerram quaisquer limites, nas mônadas criadas se encontram proporcionalmente ao grau de perfeição que possuem. “Diz-se que a criatura *atua* exteriormente, na medida em que tem perfeição; e *padece* a atuação de uma outra, na medida em que é imperfeita. Assim, se a Mônada tiver percepções distintas, atribui-se-lhe a *ação*; se confusas, a *paixão*.”(LEIBNIZ, 1983a, p.110) O que não poderia ser diferente, pois se Deus as criasse completamente ativas e perfeitas, as mônadas se igualariam a Ele, e isso, nos levaria a uma remissão ao infinito. Seria preciso buscar externamente um outro ser que fosse a causa desses seres perfeitos, mas que não fosse produto de nenhum outro.

Diante da noção de harmonia preestabelecida, na qual tudo já existe potencialmente nas mônadas no momento de sua criação por Deus, pergunta-se a respeito de estar o Supremo artífice também obrigado a escolher sempre o melhor. A isso Leibniz responderá não se tratar de uma necessidade lógica, na qual o oposto implique contradição, mas sim de uma necessidade moral de se produzir o máximo de bens, assegurando ainda a contingência de uma alternativa distinta. Esse “não poder” agir de outra maneira coloca-se a Deus da mesma forma como se mostra impossível a um sábio matemático aceitar um resultado errôneo para uma certa equação, o fato de Deus ter de escolher o melhor dos mundos não

ser de modo algum condenável, visto demonstrar apenas o poder de um Ser que é sapientíssimo.

Então, diante dos vários universos possíveis, a razão suficiente para a escolha divina deve “encontrar-se na *conveniência* ou nos graus de perfeição contidos nesses mundos [...] eis a causa da existência do melhor, conhecido por Deus pela sabedoria, escolhido pela sua bondade, e produzido pela sua potência”(LEIBNIZ, 1983a, p.110).

Considerações Finais

É na sua metafísica monadológica que encontramos os fundamentos daquilo que levará Leibniz a uma concepção otimista do mundo, defendendo ser este o melhor entre todos os possíveis.

Sendo as mônadas consideradas sem partes, e, por isso, os elementos das coisas, e ainda todo o composto como por elas formado, apresenta-se a noção de uma harmonia preestabelecida por Deus para assegurar a unidade de cada uma das mônadas quando se encontram agregadas, formando a multiplicidade.

São exatamente esses dois fatores, a saber, o uno e o múltiplo, que, concatenados harmoniosamente, garantirão toda a perfeição no mundo. Toda a quantidade de essência presente na mônada criada iguala-se ao seu grau de perfeição, do mesmo modo que sua perfeição corresponde ao seu grau de distinção, e, por fim, tem a mônada ação à medida que se distingue. Com isso temos assinalada a relação entre ação e distinção, que por sua vez une-se às de perfeição e harmonia.

Deus comparando duas substâncias simples encontra a razão para acomodá-las de tal forma que, quando uma produzir certa ação, a outra sofrerá uma paixão proporcional. O que determina se uma mônada representa um estado *ativo* ou *passivo* são os graus de distinção que ela comporta naquele dado momento.

Se por um lado Deus se utiliza do critério de simplicidade para criar o melhor mundo, pelo fato de que leis mais simples são também as mais eficientes, por outro todas as suas ações estão conformes à mais perfeita universalidade. De modo que não se pode dizer que há no mundo qualquer irregularidade e imperfeição, nem tampouco que Deus permitiu o mal, como o queriam os opositores do sistema leibniziano.

É com grande otimismo que Leibniz responde a esse problema. O mal se expressaria de três formas, a saber: o mal metafísico, o mal moral e o mal físico. O primeiro surge da imperfeição da essência das criaturas, visto ser a perfeição apenas atributo divino. Isso não quer dizer que Deus tenha agido imperfeitamente ao criar, mas apenas que permitiu o menos perfeito. Quanto ao mal moral, pode-se dizer que deriva do metafísico. Somente um ser perfeito poderia agir sem incorrer no erro, mas sendo as criaturas seres limitados em sua essência, não são capazes de compreender o todo, e, logo, o equivocarem-se. Com tanto não se deve responsabilizar o Criador, pois a causa desse mal é unicamente a criatura. O mal físico seria consequência da limitação metafísica e também uma punição pelo pecado. Se Deus permite determinado sofrimento, só o faz tendo em vista um bem ainda maior que possa surgir. A dor faz com que se aprecie melhor o bem, pois ela contribui para a perfeição daquele que a sofre.

Contudo, ao Supremo Artífice que compreende presente, passado e futuro em um só momento, tudo está de acordo com a mais bela harmonia preestabelecida.

Referências

LEIBNIZ, G. W. *Correspondência com Clarke*. Tradução Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Nova Cultural, 1988a. (Os pensadores).

_____. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. (Os pensadores).

_____. *Os princípios da filosofia ditos a monadologia*. Tradução Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. p.103-15. (Os pensadores).

_____. *Discurso de Metafísica*. Tradução Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983b. p.117-52. (Os pensadores).

ARTIGO RECEBIDO EM 2004